

adenda electrónica

N.º 13 | Julho 2005

[<http://almadan.cidadevirtual.pt>]

SUMÁRIO

adenda electrónica

- I **Sumário**
- II **Editorial** | Jorge Raposo
- Arqueologia**
- III **Riba-Rio:** um povoado calcolítico da planície do médio Tejo
Júlio Manuel Pereira
- IV **Os Pesos de Pedra Com Entalhes:** possíveis vestígios pré-históricos da actividade da pesca na região de Constância
Júlio Manuel Pereira
- V **Intervenção Arqueológica no “Mercado Velho” de Palmela:** primeiros resultados
António Rafael Carvalho
- Opinião**
- VI **Sobre a Cristianização de um Forum**
Adriaan De Man
- Património**
- VII **Património e Identidade num Contexto de Glocalização**
Marta Anico e Elsa Peralta
- VIII **A Identificação do Forte Português em Quíloa**
ou, como uma escavação arqueológica pode proporcionar resultados opostos às conclusões do seu autor
João Lizardo
- IX **Castelo de Monforte de Rio Livre**
João Mário Martins da Fonte e Ismael Basto Cardoso

al-madan IIª Série, n.º 13, Julho 2005

adenda electrónica**Propriedade**Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 Pragal
2801-602 Almada PORTUGAL

Tel. / Fax 212 766 975

E-mail almadan@mail.telepac.pt

Registo de imprensa 108998

[Http://almadan.cidadevirtual.pt](http://almadan.cidadevirtual.pt)

ISSN 0871-066X

Depósito Legal 92457/95

Director Jorge Raposo (director.almadan@clix.pt)**Conselho Científico** Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva**Redacção** Rui Eduardo Botas, Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva**Colunistas** Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Victor
Mestre, Luís Raposo, António M. Silva e Carlos M. da Silva**Colaboram na edição em papel** Mila Abreu, Jorge de
Alarcão, Mário Almeida, M. C. André, Nathalie Antunes-
-Ferreira, Marta Anico, Nuno Bicho, Jean-Yves Blot, Jacinta
Bugalhão, João L. Cardoso, António Rafael Carvalho, António
Sá Coixão, Miguel Correia, Luís Miguel Costa, Eugénia Cunha,
A. Dias Diogo, Ana Luísa Duarte, José d'Encarnação, Alexandra
Figueiredo, João Fonte, Patrícia Freire, Mário Varela Gomes,
Susana Gómez Martínez, Gisela Gonçalves, Jorge André
Guedes, Amílcar Guerra, Natália Jorge, Vítor O. Jorge, Virgílio
Lopes, A. Celso Mangucci, Carlos Alberto Mendes, Victor
Mestre, Paulo Morais, João Muralha, Leonor Pereira, João
Raposo, Jorge Raposo, Luís Raposo, Ana Ribeiro, Jorge Russo,
Ana Luísa Santos, António Manuel Silva, Carlos Marques da
Silva, Maria de Fátima Silva, A. Monge Soares, Ana M. Vale,
António C. Valera, Rui Venâncio, Alexandra Vieira, Raquel
Vilaça e todos os que aderiram ao Directório de Empresas e
Profissionais de Arqueologia & Património**Colaboram na adenda electrónica** Marta Anico, Ismael
Cardoso, António Rafael Carvalho, Adriaan De Man, João
Martins da Fonte, João Lizardo, Elsa Peralta, Júlio Manuel Pereira**Publicidade** Patrícia Freire**Apoio administrativo** Palmira Lourenço**Resumos** Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)**Modelo gráfico** Vera Almeida e Jorge Raposo**Paginação electrónica** Jorge Raposo**Tratamento de imagem** Jorge Raposo e Cézer Santos**Ilustração** Jorge Raposo**Revisão** Ana Luísa Duarte, Maria Graziela Duarte, José Carlos
Henrique e Fernanda Lourenço**Distribuição da edição em papel** CAA**Distribuição da adenda electrónica** distribuição gratuita
através de <http://almadan.cidadevirtual.pt>**Periodicidade** Anual**Apoios** Fundação Calouste Gulbenkian, Câmara Municipal
de Almada, Câmara Municipal do Seixal, Instituto Português
da Juventude**FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia**
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



Capa Jorge Raposo

Fase de escavação na olaria romana do
Porto dos Cacos (Alcochete)

Fotografia © Centro de Arqueologia de Almada

Nos últimos anos, desenvolveu-se em Portugal uma diversificada área de prestação de serviços em Arqueologia, envolvendo um número crescente de empresas e profissionais liberais que acorrem às necessidades de pessoas individuais e colectivas, de natureza pública ou privada.

Contudo, como seria de esperar de mecanismos de oferta e procura pouco consolidados, esta é uma actividade ainda algo incipiente, em constante mutação, onde não é fácil a quem dela precisa identificar e contactar as alternativas de que dispõe, nem aos que poderão dar resposta a essas solicitações promover as capacidades técnico-científicas que reúnem para as satisfazer.

Se isto é particularmente visível no que respeita aos trabalhos arqueológicos (em particular associados à prevenção ou minimização de impactos de grandes ou pequenas obras), não deixa de ocorrer também na área do tratamento e conservação preventiva ou curativa de bens móveis e imóveis, onde se regista a mesma “fluidez” de mercado, nem, sequer, quando falamos de intervenções no Património arquitectónico, embora aqui em menor grau, por se tratar, na maioria dos casos, de empresas já estabilizadas.

Neste contexto, interessava reunir a informação dispersa por várias fontes e proceder à sua actualização e validação junto dos próprios, de modo a produzir uma primeira versão de um **Directório de Empresas e Profissionais de Arqueologia & Património**, que constituísse uma ferramenta de trabalho útil e eficaz.

O resultado é o que se apresenta no dossiê especial deste número (edição em papel), que inclui perto de uma centena de empresas e profissionais e cobre praticamente todo o tipo de intervenções de âmbito patrimonial. Naturalmente, não estará aí representado o universo total deste tipo de prestadores de serviços no nosso país, uma vez que alguns não terão sido inventariados na pesquisa que esteve na base do inquérito promovido pela *Al-Madan*, e outros não se sentiram motivados para lhe responder, ou não o fizeram em tempo útil. Mas é um documento que, doravante, cremos de difícil dispensa.

Com este volume, para além da diversidade temática dos artigos, crónicas, textos de opinião, notas de actualidade, noticiário diverso e outras rubricas fixas a que já habituou os seus leitores, *Al-Madan* passa a integrar uma **Adenda Electrónica** (em <http://almadan.cidadevirtual.pt>), onde se reúnem conteúdos que não foi possível contemplar na tradicional edição em papel. Obedecendo aos mesmos objectivos e tratamento editorial, garante-se assim o acesso *online*, em formato PDF, a informação científica ou outra que perderia parte da sua pertinência e actualidade.

Nas páginas impressas ou pelo ciberespaço, o leitor certamente encontrará momentos de leitura com prazer e de reflexão estimulante.

Jorge Raposo

Intervenção Arqueológica no “Mercado Velho” de Palmela

primeiros resultados

por António Rafael Carvalho

Arqueólogo. Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Palmela.

1. Introdução

O sítio arqueológico que foi objecto de trabalhos arqueológicos ¹ encontra-se definido entre a Rua Hermenegildo Capelo e a Rua Mouzinho de Albuquerque, e localiza-se em pleno centro histórico da Vila de Palmela ².

A intervenção arqueológica ³ ocorreu no espaço deixado livre pela demolição de todo o conjunto de edifícios de propriedade camarária, que ameaçavam ruína.

Os resultados obtidos revelaram-se uma surpresa inesperada em termos de documentação arqueológica, que veio enriquecer de forma notável o conhecimento que tínhamos sobre a evolução e quotidiano tardo-medieval na área urbana de Palmela ⁴.

O local encontra-se igualmente inserido na Zona Especial de Protecção do Castelo de Palmela, definida pela Portaria n.º 944/85, D.R., 1ª série, n.º 288 de 14 de Dezembro.

2. O “Mercado Velho” de Palmela: breves notas sobre a evolução histórica do espaço envolvente, desde o Período Islâmico

Se por um lado, verificamos que são escassos os elementos disponíveis para efectuar a história específica deste edifício e bairros anexos, constatamos, porém, que investigá-la é o mesmo que investigar a história da Vila de Palmela, no seu espaço fora de muralhas.

Se compararmos o volume de conhecimentos que temos, entre o Castelo e a Vila fora de muralhas, verificamos que o estado da investigação está mais avançado no castelo e que ainda existem muitas dúvidas em relação às origens e evolução da Vila de Palmela.

A primeira questão tem a ver com a sua origem. Como se formou e porquê?

Felizmente, a intervenção no “Mercado Velho” forneceu elementos fora de contexto que permitem sustentar novas hipóteses de como se estruturava a paleocupação na colina de Palmela, desde a Antiguidade Tardia até à conquista Portuguesa.

Apesar do papel incontornável do Castelo de Palmela no ordenamento do território, condicionando a sua evolução histórica em contexto medieval ⁵,

¹ Os trabalhos arqueológicos tiveram início em Setembro de 2002, após a autorização dada pelo Instituto Português de Arqueologia.

² Sede de Concelho. Área Metropolitana de Lisboa. Distrito de Setúbal.

³ Participaram nos trabalhos de campo, Jorge Oliveira e quatro trabalhadores indiferenciados. No desenho de campo contámos com Francisco Cebola. No trabalho de gabinete, participaram Fátima Felicíssimo, Cláudia Dias de Oliveira e Frederico Regala. Agradecemos à Drª Teresa Rosendo, chefe de Divisão do Património Cultural, e às arqueólogas Isabel Cristina Fernandes e Michelle Teixeira toda a colaboração prestada.

⁴ Acrescentando novos dados referentes à paleocupação da área urbana de Palmela, na Antiguidade Tardia e Período Islâmico.

⁵ Pelos atributos de prestígio e domínio do espaço que desde cedo lhe foram associados, pela fundação da estrutura militar, atribuída à elite árabe dos *Banu Matari*, em meados do século VIII.

r e s u m o

Apresentação dos primeiros resultados da intervenção arqueológica no chamado “Mercado Velho” da vila de Palmela (Setúbal), que contribuiu de forma assinalável para o conhecimento do quotidiano tardo-medieval desta área urbana. O autor destaca o achado de produções cerâmicas do século XIV oriundas do reino de Fez (Marrocos), pela primeira vez documentadas em Portugal.

p a l a v r a s c h a v e

Idade Média; cerâmica; cerâmica norte-africana.

a b s t r a c t

The author presents the first results of the archaeological excavations in the “Old Market” of Palmela (Setúbal), which have contributed greatly to our knowledge of the daily life in this urban area during late Medieval times.

He highlights the discovery of 14th century ceramic productions from Fez (Morocco), which are now documented for the first time in Portugal.

k e y w o r d s

Middle Ages; pottery; north-African pottery.

r é s u m é

Présentation des premiers résultats de l'intervention archéologique dans le-dit “Ancien Marché” de la ville de Palmela (Setúbal), qui a contribué de manière significative à la connaissance du quotidien médiéval tardif de cette zone urbaine.

L'auteur met en relief la découverte de productions céramiques du XIV^{ème} siècle originaires de Fez au Maroc, pour la première fois répertoriées au Portugal.

m o t s c l é s

Moyen Âge; céramique; céramique d'Afrique du Nord.

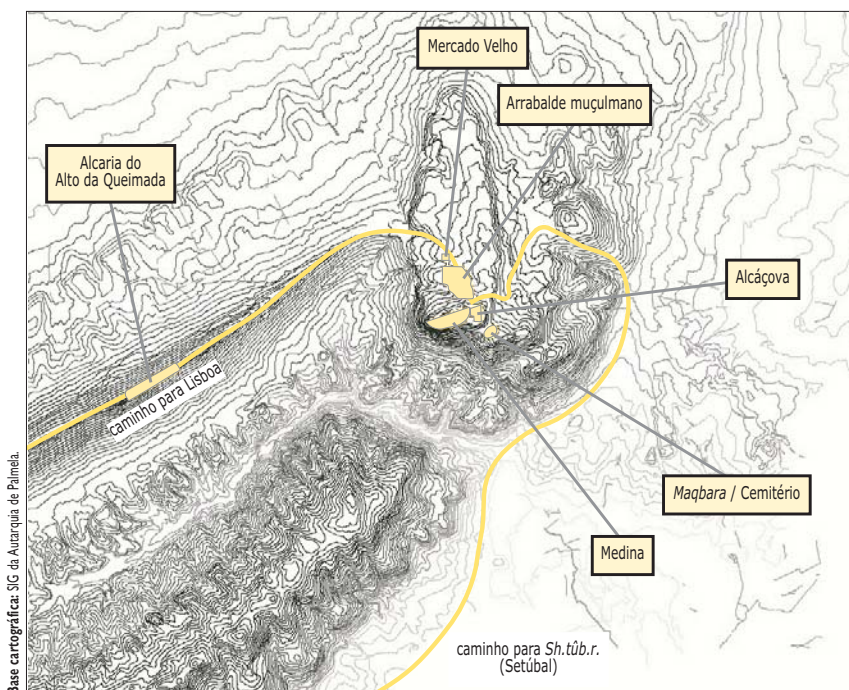


Figura I

Proposta de reconstituição da estrutura urbana de Balmalla (Palmela), nos séculos X-XI.

Segundo os dados actualmente disponíveis, Palmela com o seu arrabalde seria, em contexto Califal e Taifa, um “*hisn-medina*”. Trata-se de um termo árabe que aparece nas fontes da época para designar uma estrutura administrativa que é superior a um castelo / *hisn*, mas que não tem o estatuto de cidade / *medina*.

o espaço fora de muralhas teve uma dinâmica evolutiva que importa conhecer.

Este espaço é, em contexto islâmico e de um modo geral no *al-Andalus*, um território pleno de recursos e vocacionado para um conjunto de funções que não encontram disponibilidade ou coerência dentro de muralhas.

É, em suma, o local de reunião dos comerciantes na esplanada, o espaço de trabalho de muçulmanos e moçarabes que vivem das actividades agrícolas e artesanais (fornos de cerâmica, etc.), o espaço de oração colectiva. E é também o espaço sagrado, onde os mortos repousam na *maqbara*, voltados para Meca.

Trata-se de uma vasta área, complementar ao castelo, fervilhante de vida, e comporta-se como placa giratória, plena de pessoas, ideias e produtos, que a “elite / *Khassa*” do castelo, fiscalizava, analisava e defendia.

Deste modo, não foi nenhuma surpresa a confirmação arqueológica, em 2004, da existência de um arrabalde de cronologia islâmica, fora de muralhas, graças aos vestígios existentes junto ao actual edifício da autarquia de Palmela.

A problemática neste momento prende-se com o século em que nasceu o referido arrabalde.

A instalação de uma *khassa* de origem tribal árabe não lhes permite explorar o território directamente, dado que esse é o atributo dado à *‘amma* e aos moçarabes.

A *khassa* dos *Banu Matari*, que se instala em Palmela em meados do século VIII, tem uma função militar específica no seio do *ahl al-Sham*, que de pressa será esquecida em proveito próprio.

Face ao exposto, torna-se necessária a implantação de alguns casais agrícolas na colina de Palmela, para assegurar de forma continuada e sem rupturas uma série de recursos alimentares e a prestação de

serviços à elite islâmica instalada dentro de muralhas.

A transformação desse povoamento, inicialmente disperso, num bairro, poderá ter decorrido lentamente, fruto de aumento demográfico natural e das oportunidades económicas abertas pela posição de Palmela como sede de domínio regional da Arrábida e foz do rio Sado.

Parece-nos claro que a área urbana de Palmela nasce desse arrabalde que se instala na encosta voltada a Norte, junto ao castelo, provavelmente em meados dos séculos IX-X, período que coincide com o domínio dos *Banu Danis* de Alcácer em Palmela.

É de aceitar que em meados do século XII o arrabalde seja abandonado, devido ao clima de guerra então vivido na região.

Após a primeira conquista portuguesa de Palmela e concessão do primeiro Foral, por D. Afonso Henriques, a comunidade islâmica reocupa o arrabalde, desta vez contando com apoio e protecção régia.

A consolidação do domínio português no Baixo Sado no decurso do século XIII, após a conquista definitiva de Alcácer do Sal, em 1217, e o desenvolvimento de Setúbal, foram acontecimentos que permitiram estabilidade suficiente para que a população cristã, inicialmente dentro de muralhas, saísse e viesse ocupar uma área adossada ao arrabalde mudéjar palmelense.

Os séculos XIII e XIV serão marcados pelo crescimento da vila de Palmela fora de muralhas, assistindo-se a um aumento da sua população civil, enquanto, por oposição, verificamos a crescente militarização e apropriação quase total do castelo pela Ordem de Santiago.

A fraca documentação arqueológica desses séculos na vila de Palmela prende-se com o incremento da construção em espaço urbano, que parece ter varrido a Vila de Palmela a partir do início do século XV e que provavelmente se prolongou até ao século XVII.

Essa surto de edificação, talvez reflexo natural de um aumento demográfico e de recursos monetários, numa área urbana sem muitos espaços físicos de expansão, porque se encontrava rodeada por reguengos e propriedades da Ordem de Santiago, incentivaram os palmelenses a construírem em “profundidade”.

Ao escavarem na rocha, para obterem mais espaço útil e também matéria-prima para construção, foram certamente, desmontados e destruídos muitos vestígios arqueológicos ulteriores.

Parece ser essa a razão de haver uma clara discrepância entre a informação deduzível da análise da documentação histórica e a realidade arqueológica que nos é dado observar.

A lixeira identificada no decurso dos trabalhos arqueológicos referidos neste texto irá nascer numa zona de fronteira da área urbana tardo-medieval com o reguengo de Fetais, pertencente à Ordem de Santiago, facto que obrigou a Vila de Palmela a expandir sempre para Norte, numa faixa estreita, ancorada às escarpas voltadas para o Vale de Barris.

No século XVI (inícios), a lixeira será desactivada. As habitações aí construídas serão um pouco posteriores, provavelmente de meados do século XVII.

Desse século até ao século XX, a informação é escassa e resume-se a uma série de pisos de ocupação, com ausência de espólio arqueológico.

Perante a escassez de registos documentais, recorremos de fontes orais, de moradores locais, de idade avançada, que quase diariamente iam aparecendo junto à escavação para saberem de novidades.

Segundo o Sr. João Monteiro, com mais de 60 anos, nascido em Palmela, no local onde em meados dos anos 1950 foi construída a praça, existia uma cocheira, habitando uma família no andar de cima. Esse conjunto era separado no seu lado Poente por uma rua com escadas, que depois foi incorporada pelo edifício da praça.

Como pudemos constatar no decurso da demolição e depois na intervenção arqueológica, a construção da Praça, que foi inaugurada no dia 27 de Julho de 1952, levou à total destruição de toda a informação arqueológica aí existente, porque a base do edifício foi escavada no substrato geológico de Palmela, que corresponde aos afloramentos de arenitos do Miocénico.

Antes da demolição do edifício e casas anexas, os serviços técnicos da autarquia efectuaram um levantamento topográfico, que serviu de base no nosso trabalho de campo.

Também foram tiradas algumas fotografias, mas quase todas referentes ao edifício da praça. A ausência de fotos em relação às casas anexas prende-se com o perigo de derrocada eminente que esse conjunto apresentava.

3. A intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica teve lugar entre 16 de Setembro e 11 de Outubro de 2002.

O trabalho foi integralmente financiado pela Câmara Municipal de Palmela.

O desenho de campo e o trabalho de topografia foram efectuados no decurso da escavação arqueológica e prolongaram-se até ao dia 15 de Novembro.

Uma das condicionantes com que nos deparámos no decurso da escavação foi uma fase de mau tempo (algumas semanas), que condicionou a progressão adequada dos trabalhos.

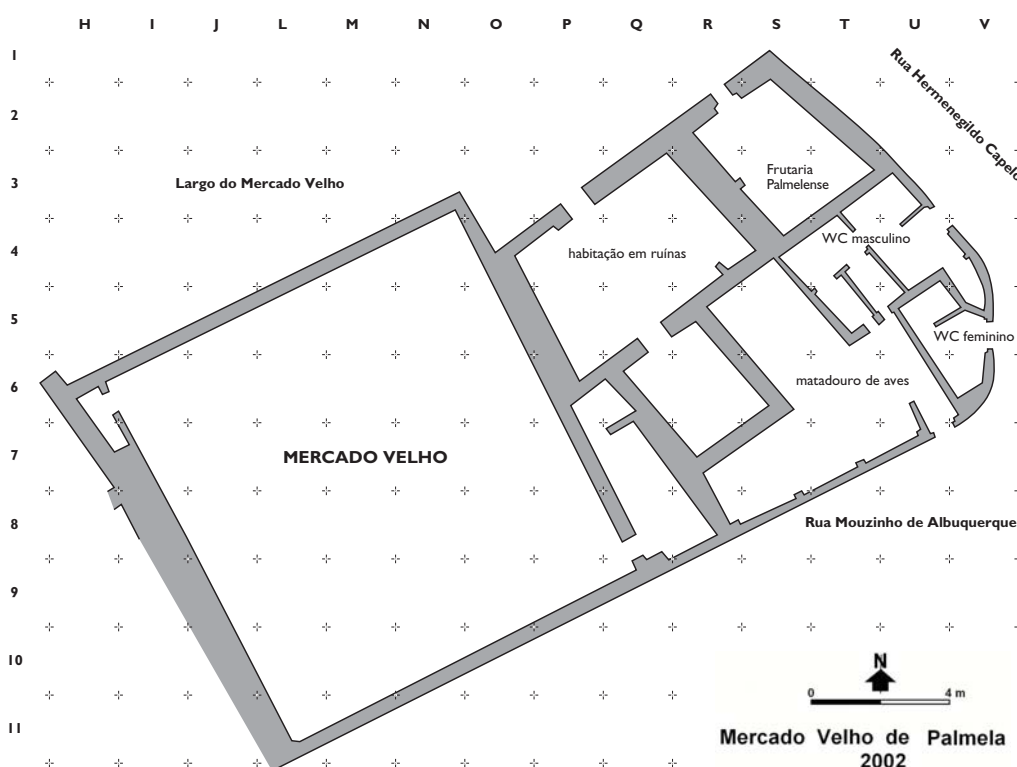


Figura 2

Planta síntese dos pisos I e 2, ilustrando as áreas funcionais do espaço intervencionado, já com a malha da escavação implantada.

Em termos de resultados, podemos agrupar os quadrados intervençionados em dois grupos: os que forneceram documentação e níveis estratigráficos e os que revelaram ausência de níveis arqueológicos.

Esses elementos permitiram elaborar a Tabela 1.

Tabela 1
“Mercado Velho” de Palmela (quadrados intervençionados)

Ausência de documentação arqueológica [I, J, L, M, N, O, P, Q, R, S]						Com documentação arqueológica [N, O, P, Q, R, S, T, U]									
									Q1	R1	S1				
						N2	O2	P2	Q2	R2	S2				
L3	M3					N3	O3	P3	Q3	R3	S3				
I4	J4	L4	M4									S4	T4	U4	
I5	J5	L5	M5		R5	S5							S5	T5	U5
I6	J6	L6	M6									T6		U6	
J7					Q7	R7	S7								
J8					Q8	R8	S8								
J9		O9			P9	Q9									
J10	L10	M10	N10	O10											
		L11	M11												

A malha, com quadrados de 2 por 2 m, foi orientada de W a E, e de N a S. No sentido N-S, foram atribuídos números por ordem crescente (de 1 a 11). No sentido W-E, foram atribuídas letras ordenadas por ordem alfabética (de I a U).

O acompanhamento que efectuámos no decurso da demolição não foi claro acerca do potencial arqueológico do local. De facto, ficámos com a ideia vaga de que o local seria estéril arqueologicamente, à semelhança de outras situações anteriormente detectadas no centro histórico de Palmela.

Face a esses dados, e como desconhecíamos por completo a realidade arqueológica existente, decidimos em termos de abordagem, seleccionar algumas sequências de quadrados distintos para efectuar sondagens.

A primeira selecção de quadrados incidiu no espaço que correspondia ao chão do Mercado.

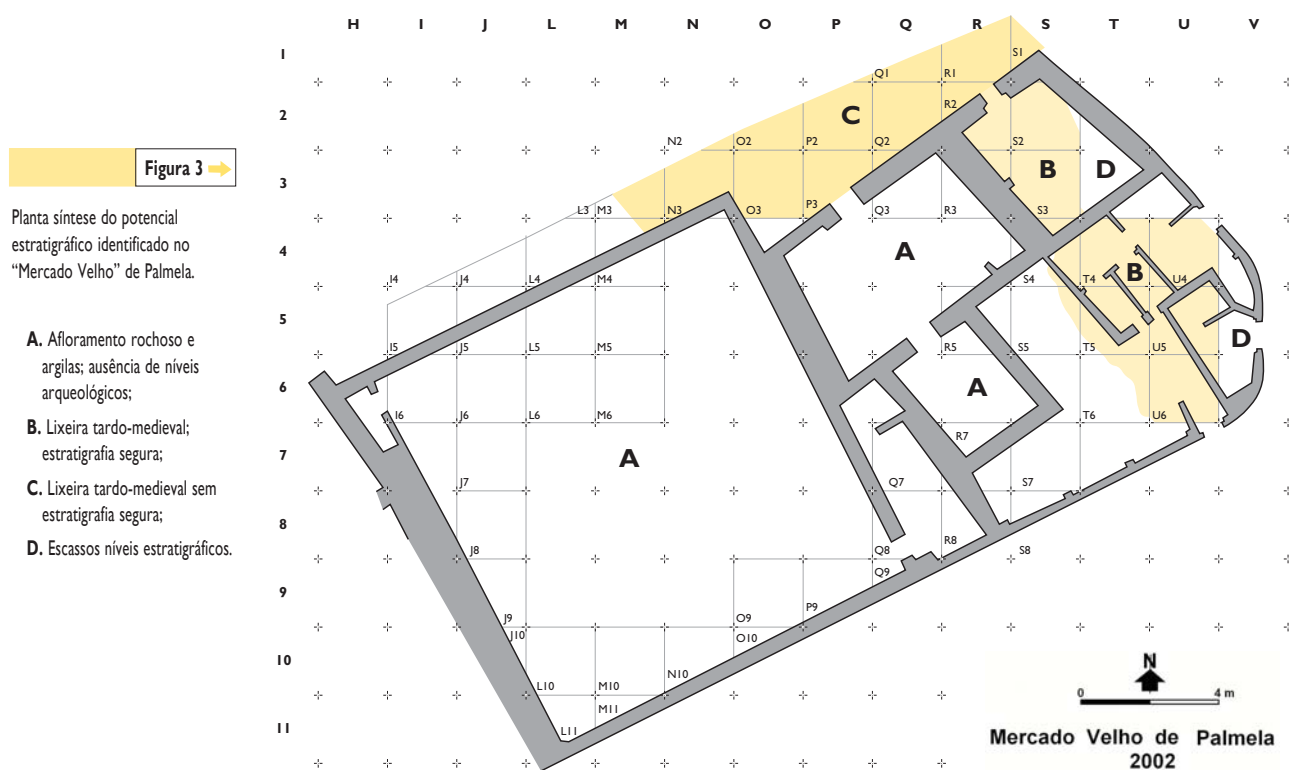
Iniciámos os trabalhos nos quadrados L10, L11, M10, M11, N10, O9, O10 e P9.

Não foi surpresa nenhuma quando, logo após termos decapado o nível de superfície, a UE 1, entre os 10 e os 20 cm, surgiu a base geológica, que neste local corresponde às camadas de arenitos arenosos e calcários do Miocénico de Palmela. A base geológica apresentava-se rudemente desventrada pela escavação efectuada nos anos 1940-50, quando foi erguido o edifício do Mercado Municipal.

Os outros quadrados intervençionados, o R5 e o S5, foram escolhidos porque se localizavam quase a meio do espaço anexo ao Mercado, num terreno ocupado por moradias antigas que teriam sido poupadas,

3.1. A escavação

Como já foi referido, a intervenção arqueológica teve início no dia 16 de Setembro de 2002, após ter sido implantada no local pela equipa de topografia da autarquia uma quadrícula que ocupasse toda a área que iria ser intervençionada.



em termos de escavação mecânica, nos anos 1940-50. Os resultados foram decepcionantes, porque os níveis de argila que afloravam à superfície correspondem à sequência estratigráfica geológica do local.

Entretanto, efectuámos sondagens nos quadrados Q7, Q8, R7, R8, S7 e S8. Como prevíamos, aflorou novamente a base geológica, ora constituída por argila ou arenitos. Foi identificado um muro que fazia parte da habitação aí existente. Junto ao alçado dessa estrutura, foi possível detectar resquícios estratigráficos com escasso espólio arqueológico.

Face a estes resultados, iniciámos a limpeza dos quadrados T6 e U6. Retirada a UE 1, as unidades estratigráficas seguintes revelaram uma fraca potência, associada a escasso espólio arqueológico de meados do século XVI (1ª metade). Parámos momentaneamente a sondagem ao nível da UE 7.

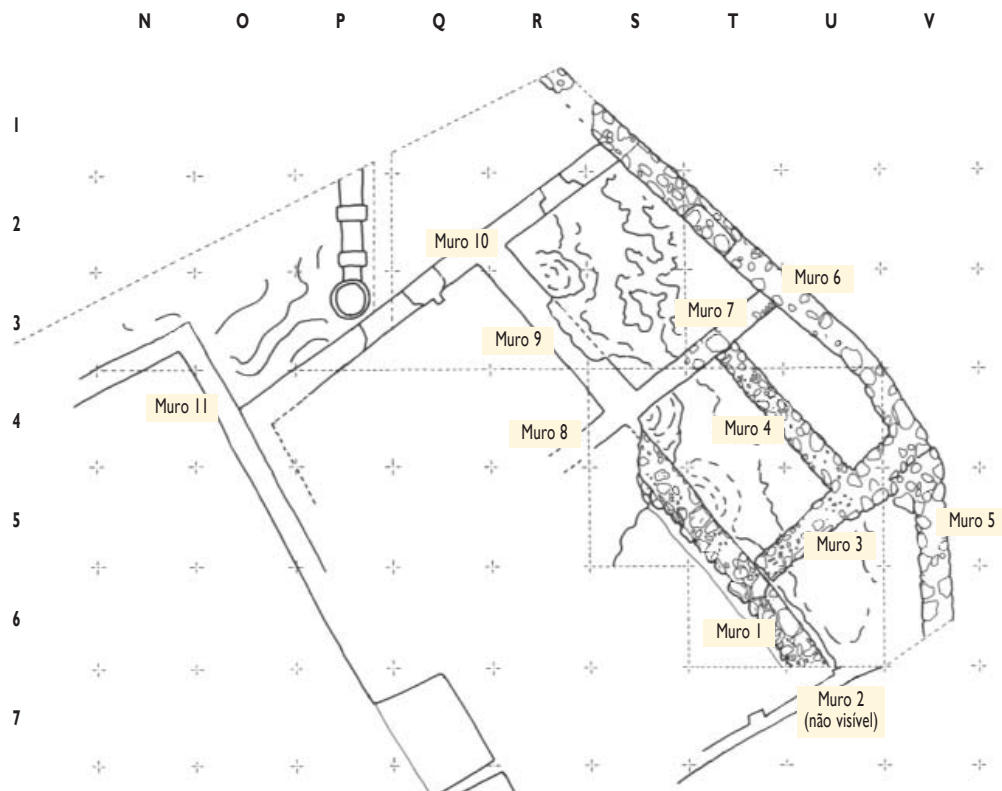
No final da primeira semana começou a chover, situação que permitiu lavar em extensão a área que estávamos a intervir. Essa acção de lixiviação removeu lixos recentes e camadas finas resultantes da demolição. Uma análise mais atenta permitiu verificar a ocorrência de escassa cerâmica vidrada dos finais do século XV e inícios do XVI, que aflorava à superfície do quadrado T4.

No início da segunda semana de trabalhos demos início a uma sondagem nos quadrados T4 e T5, efectuando uma decapagem da UE 1 (restos da demolição), que cobria toda a área mas apresentava diferentes espessuras. Ao contrário do que tinha acontecido nos quadrados atrás referidos, após retirarmos uma película de 5 a 10 cm de lixos, resultantes da demolição, deparámo-nos com uma camada de cor escura, rica em matéria orgânica e cerâmicas dos séculos XV-XVI. Designámos esta unidade estratigráfica como UE 14a.

Ao longo da segunda semana e no decurso da terceira, verificámos que esta camada correspondia a uma lixeira e que se estendia para Sul (T6, U5 e U6) e para Norte. (S4, S3, S2, R3, R2, R1, Q3, Q2, Q1, P3, P2, O3, O2, N3, N2 e M3).

O espólio exumado foi imenso e centrava-se grosso modo no século XV.

Face aos resultados decepcionantes que tínhamos obtido nos quadrados referentes ao espaço do Mercado, demos por concluída a escavação nesse sector e investimos na escavação integral da lixeira,



↑ Figura 4

Conjunto de estruturas e compartimentos identificados após a remoção da UE 1.

tarefa que conseguimos porque, como pudemos depois verificar, a área intervencionada abrangeu na sua totalidade.

A lavagem integral do espólio recolhido já permitiu a identificação de novas variantes de formas cerâmicas, no âmbito das tipologias quinhentistas de Palmela.

3.2. Estruturas e compartimentos

A remoção da UE 1, permitiu identificar um conjunto de estruturas e compartimentos.

Como seria de esperar, no espaço ocupado pelo edifício do Mercado, os únicos elementos estruturais que conseguiram sobreviver à demolição correspondem, na sua totalidade, ao edifício do século XX aí edificado.

Não foram identificadas estruturas ou espólio de épocas ulteriores, porque, como já foi referido, a construção do edifício no século XX levou à escavação integral do subsolo e o piso térreo foi assente directamente na rocha.

Panorama radicalmente oposto foi identificado no espaço correspondente às edificações anexas ao Mercado e que correspondiam à malha construtiva primitiva.

Apesar da demolição e da remoção dos entulhos efectuada logo em seguida, essa acção parece ter afectado muito pouco as unidades estratigráficas e as estruturas aí existentes.

Definiu-se um total de dez muros e cinco compartimentos.

Tabela 2

“Mercado Velho” de Palmela (unidades estratigráficas)

Ausência de espólio arqueológico		Com documentação arqueológica
UE 1. Demolição	UE 14b. Areia	UE 2a. Fragmentos de tijoleiras
UE 2b. Lenticula argilosa	UE 17. Piso	UE 2e. Fragmentos do tijoleiras
UE 2c. Piso	UE 19. Piso	UE 8. Escasso espólio
UE 2d. Piso	UE 20. Chão	UE 9. Mistura com a lixeira
UE 3. Vala	UE 21. Vala	UE 14a. Lixeira
UE 4. Base da rua	UE 22. Sedimento	UE 15. Lixeira
UE 5. Calçada	UE 23. Sedimento	UE 16. Cerâmicas muçulmanas e posteriores
UE 6. Bolsa	UE 24. Vala	
UE 7. Sedimento	UE 25. Sedimento	UE 18. Escasso espólio
UE 10. Bolsa	UE 26. Vala	UE 29. Escasso espólio
UE 11. Entulhos	UE 27. Piso	UE 30. Lixeira
UE 12. Piso	UE 28. Piso	UE 31. Lixeira
UE 13. Nível argiloso		

UE 1. Cobre toda a área interveniada. Resultou da demolição total do edifício do Mercado e casas anexas. Apresenta uma espessura média entre os 10 cm e os 50 cm em algumas zonas. Ausência de espólio arqueológico.

UE 2a. Piso fino de terra acastanhada que se estendia por todo o compartimento. Foi desmantelado no decurso da demolição. Contém alguns fragmentos de tijoleira. Existe unicamente no compartimento 1, junto à parede do Matadouro de Aves.

UE 2b. Pequena lenticula argilosa, de cor acinzentada, com expressão junto à parede do Matadouro. Ausência de espólio.

UE 2c. Piso de argila cinzenta. Ausência de espólio arqueológico.

UE 2d. Piso de areia amarela, finíssimo, e alguns fragmentos pequenos de arenito de Palmela. Ausência de espólio arqueológico.

UE 2e. Piso misturado com entulho. Apresenta uma cor acastanhada e contém alguns fragmentos de tijoleira. O sedimento encontra-se alterado por causa da demolição. Assenta directamente no afloramento rochoso de arenito.

UE 3. Bolsa de terra acastanhada, que corresponde à vala de construção do muro lateral do Matadouro de Aves. Ausência de espólio arqueológico.

UE 4. Conjunto de sedimentos misturados que correspondem à base da Rua Mouzinho de Albuquerque.

UE 6. Bolsa argilosa que perturbou as unidades estratigráficas laterais e que assenta no topo do muro 1. Corresponde a um sedimento argiloso de tom levemente avermelhado. Ausência de espólio arqueológico.

UE 7. Sedimento de cor acastanhada. Ausência de espólio arqueológico.

UE 8. Sedimento arenoso, de tonalidade amarelada e com textura um pouco argilosa. Contém algum espólio arqueológico de meados do século XV, que mostra algum rolamento.

UE 14a. Corresponde ao primeiro nível da lixeira. Camada espessa, de cor negra, rica em matéria orgânica, fauna e fragmentos cerâmicos do século XV.

UE 14b. Pequenas bolsas de areia amarela. Ausência de espólio arqueológico.

UE 15. Nível semelhante ao descrito na EU 14a, apresentando contudo menos espólio e fauna e uma textura mais arenosa.

UE 16. Argila de cor cinza-avermelhada. Apresenta escasso espólio arqueológico, algum de cronologia islâmica. Acompanha em todo o comprimento o muro 1, correspondendo à sua vala de construção.

UE 26. Sedimento arenoso acastanhado claro. Corresponde à vala de construção do muro 5.

3.3. Unidades estratigráficas

A escavação integral do espaço do Mercado permitiu identificar um conjunto de 31 unidades estratigráficas.

Apesar desse grande número, a grande maioria corresponde a pisos que não forneceram espólio arqueológico.

De forma a sintetizar a informação obtida, elaborámos a Tabela 2, que apresentamos junto.

Por outro lado, para ilustrar a realidade estratigráfica identificada, seleccionámos o Perfil 1, que corresponde aos cortes estratigráficos mais significativos do local interveniada.

Este perfil apresenta a sequência estratigráfica obtida no interior do Compartimento 1 (que coincide com a do interior dos Compartimentos 2 e 3) e no espaço anexo, situado a SW, em direcção ao “Mercado Velho” de Palmela.

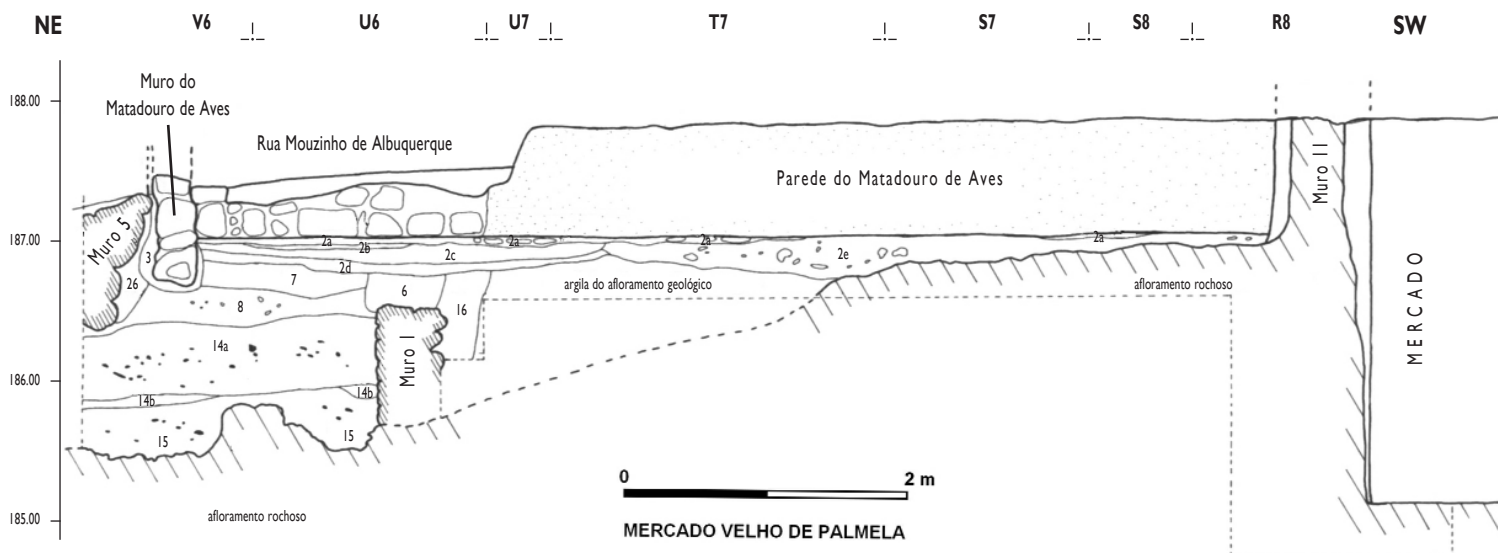
Se, no interior do Compartimento, a sequência estratigráfica identificada encontra-se completa, no espaço imediatamente anexo, depois da vala de construção do Muro 1, a estratigrafia (inicialmente com pouca expressão em virtude de o afloramento geológico – arenito e argila – se encontrar mais à superfície), só apresentava alguns vestígios junto à parede interna do edifício conhecido como Matadouro de Aves. Correspondia a pisos do chão do referido edifício, revelando escassez de espólio arqueológico.

4. A documentação arqueológica

Apesar de termos recolhido um espólio documental arqueológico desmedido, ele é na sua quase totalidade proveniente da lixeira tardo-medieval

Figura 5

“Mercado Velho” de Palmela: Perfil 1.



B) Moeda alto-imperial



Figura 9 ↑

“Mercado Velho” de Palmela:
moeda alto-imperial.

A moeda de cronologia alto-imperial exumada na lixeira, corresponde a uma emissão comemorativa da fundação de Mérida⁸ e foi encontrada no Q S3, na UE 30, associada a cerâmicas e faunas do século XV.

Trata-se do primeiro exemplar monetário romano recolhido na Área Urbana de Palmela. Até ao momento, só tínhamos recolhido algumas moedas romanas no interior do Castelo de Palmela.

Será que este elemento, claramente fora de contexto, é indício de povoamento alto-imperial na área Urbana de Palmela, indicando a existência de um casal agrícola?

Pensamos que sim, porque todos os elementos soltos encontrados na lixeira – sejam eles de cronologia pré-histórica ou islâmica –, têm correspondência em termos ocupacionais na área envolvente (castelo, colina de Palmela e Serra do Louro).

C) Elemento de cinturão visigótico

Uma das grandes novidades em termos documentais, foi a identificação de um elemento de fivela claramente visigótica, infelizmente fora de contexto, porque encontrava-se misturada no meio da lixeira tardo-medieval (Q S3, UE 31).

Até ao momento, só havia indícios de presença romana tardia em Palmela, na área do castelo (algumas cerâmicas de tradição visigótica e elementos de cantaria).

Outro dado interessante é o referente ao topónimo que é conservado pelos muçulmanos – *Balmalla* –, que, na nossa perspectiva, resulta da arabização do termo latino *Palmela* (“Palma pequena”).

O elemento de cinturão dado a conhecer é um documento importante, que prova a existência de uma presença visigótica em Palmela, de natureza ainda pouco clara, que terá servido de base à instalação muçulmana do *Banu Matari*, em meados do século VIII.

A peça possui uma cronologia centrada nos séculos VI a VII.

Segundo o quadro elaborado por Gisela Ripoll⁹, esta tipologia inicia-se no seu nível III (525 a 560 d.C.) e continua nos níveis IV e V, atingindo datas posteriores a 640 d.C., para terminar a sua produção pouco depois da conquista muçulmana da Hispânia.

Um exemplar semelhante foi encontrado em Conimbriga¹⁰, tendo sido datado dos séculos V a VI d.C.

De produção peninsular, corresponde a um elemento do vestuário que começou a ser usado a partir da época de Alarico II, até Amalarico, que deu início ao reinado visigodo independente da regência ostrogoda (480/490-525)¹¹.

Os exemplares conhecidos são quase todos de contextos funerários, sendo raros os que são provenientes de contextos habitacionais.

Trata-se de um adereço de vestuário aceite pelas elites exteriores ao Reino Visigótico, como se prova pelo seu aparecimento em *Sala* / Marrocos, e mesmo em áreas peninsulares pouco dominadas pela monarquia visigótica, no Norte de Espanha, junto à região Basca.

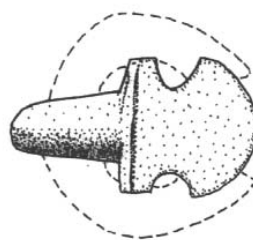
D) Cerâmicas islâmicas

As cerâmicas islâmicas exumadas no “Mercado Velho” dividem-se em dois grupos:

– As que são provenientes da vala de construção do Muro 1 (UE 16) e que são cronologicamente anteriores à construção dessa estrutura (Grupo A).

– As cerâmicas provenientes dos reinos muçulmanos tardo-medievais (Reino de Granada ou Nazarri, Reino Merinida ou de Fez e do Próximo Oriente), exumadas na lixeira, nos níveis correspondentes aos séculos XIV e XV (UE 14 a e 15) (Grupo B).

Tanto num caso como no outro, correspondem a pequenos conjuntos de peças.



MP 383 (S3/31)

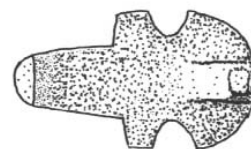


Figura 9 ↑

“Mercado Velho” de Palmela:
elemento de cinturão visigótico.

⁸ Trata-se de uma moeda da oficina de *Augusta Emerita* e terá sido cunhada por ordem do Imperador Tibério, em comemoração do imperador Augusto divinizado.

⁹ RIPOLL, Gisela (1987) – *Problèmes de Chronologie et de Typologie a Propos du Mobilier Funéraire Hispano-Visigothique*. Actes des IX Journées d'Archéologie Mérovingienne, pp. 101-107.

¹⁰ ALARCÃO, Adília (1994) – *Museu Monográfico de Conimbriga*. Coleções. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 142 (Fivela, n.º 435.13 – Id. Inv. 68.40. Dimensões – 39x28 mm. Cronologia: – séculos V a VII d. C. Aro oval, largo e bombeado, mais espesso de cada lado do eixo, curto e fino. Fusilhão escudiforme).

¹¹ RIPOLL, ob. cit.

E) Cerâmicas da fase islâmica de Palmela (Grupo A)

Até ao momento, os únicos fragmentos de cerâmicas que correspondem à fase islâmica de Palmela foram recolhidos na vala de construção do Muro 1.

O referido muro, que corresponde à estrutura mais antiga identificada no local intervenção, terá sido construído em meados do século XIV, e atesta um episódio anterior ao início da transformação deste espaço em lixeira.

A presença residual de cerâmicas muçulmanas na referida vala de construção, apresentando cronologias das Fases Califal e I Taifas, permite supor que, nas imediações ou mesmo no local, existiram ocupações islâmicas – talvez casais? – que geriam economicamente o espaço envolvente.

Não é a primeira vez que detectamos na área urbana cerâmicas islâmicas.

4.2. Cerâmicas exumadas em contexto

4.2.1. Cerâmicas merinidas e nazaris (Grupo B)

A) As produções merinidas.

Foi com alguma surpresa que identificámos uma peça que apresenta as características específicas das produções cerâmicas com origem no Reino Merinida (actual Marrocos).

Trata-se de um fragmento de caçarola, com cordão lateral.

A superfície interna encontra-se coberta por um melado espesso e fino.

Segundo Abdallah Fili, no seu estudo sobre “*La Céramique de la Madrasa Mérinide al-Bu ‘inaniyya de Fés*”, e que podemos transpor para as restantes produções merinidas encontradas em Marrocos, as cerâmicas desta época são geralmente mais sóbrias nos seus programas decorativos que as nazaris, suas contemporâneas, porque os oleiros do reino merinida seguem os valo-

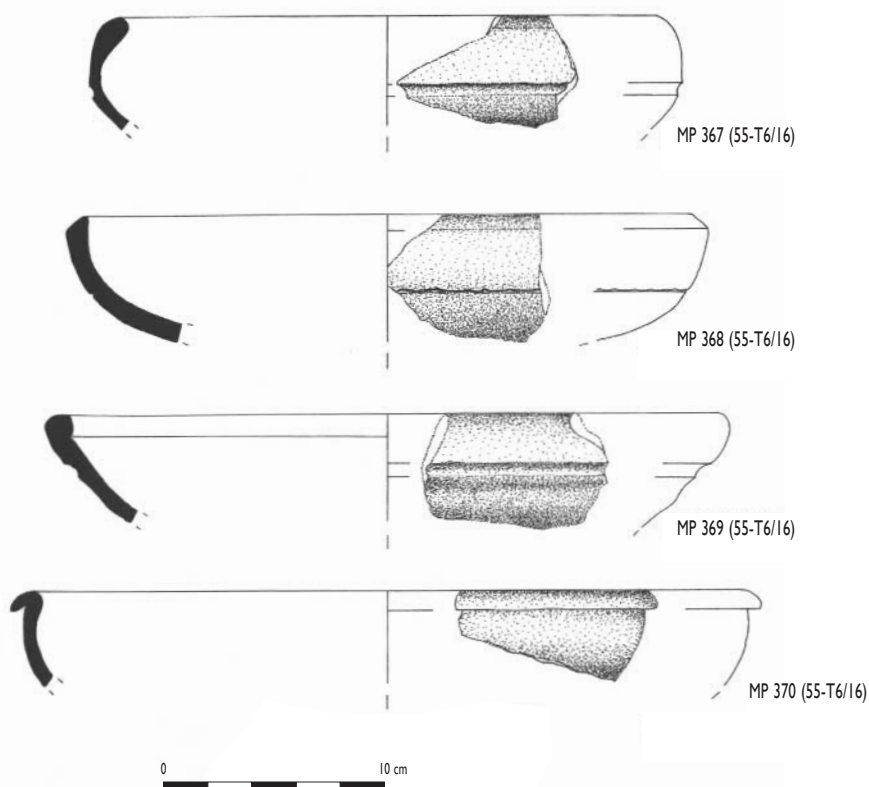


Figura 10

“Mercado Velho” de Palmela: cerâmicas islâmicas da UE 16.

res do Islão segundo a tradição almóada, que continua vigente em certos aspectos do quotidiano.

Esta afirmação entra em contradição com a postura oficial dos merinidas, que aboliram a tradição almóada e repuseram a tradição maliquista.

Os melhores paralelos que encontramos para a peça exumada no Mercado de Palmela, correspondem aos conjuntos de caçarolas provenientes dos níveis do século XIV de Ceuta ¹² e Fez ¹³.

Apresenta um tipo de bordo específico das produções merinidas, que não encontramos nas formas semelhantes e contemporâneas, produzidas no reino de Granada.

¹² HITA RUIZ, José Manuel e VILLADA PAREDES, Fernando (2000) – *Una Aproximación al Estudio de la Cerámica en la Ceuta Maríní*. Actas do Encontro Sobre Cerâmica Nazari y Marini, pp. 291-328.

¹³ FILI, Abadía (2000) – *La Céramique de la Madrasa Mérinide al-Bu ‘inaniyya de Fés*. Actas do Encontro Sobre Cerâmica Nazari y Marini, pp. 259-290.

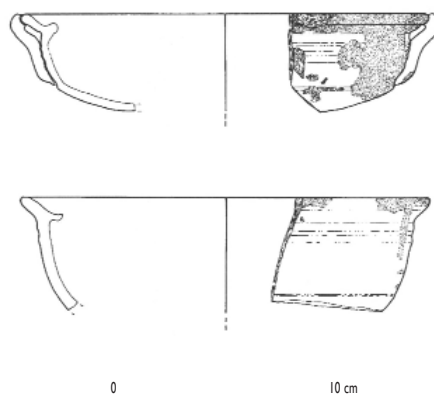
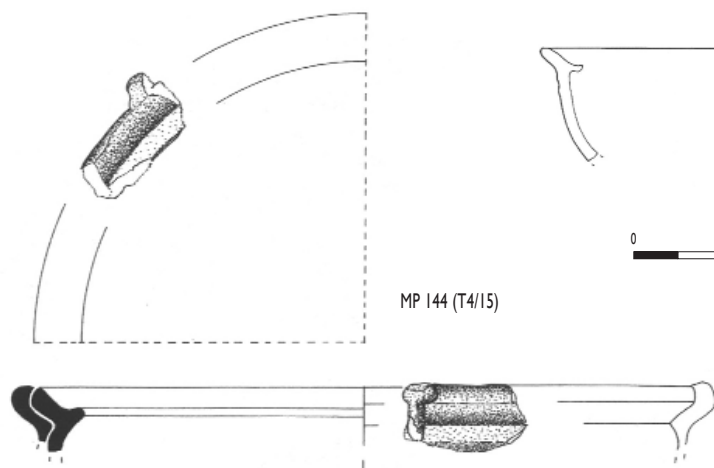


Figura 11

“Mercado Velho” de Palmela: fragmento de caçarola de produção merinida com cordão lateral, que tem por paralelos caçarolas recolhidas em Ceuta, datadas do séc. XIV (em cima, segundo HITA RUIZ e VILLADA PAREDES 2000).



Como já foi referido, as produções merinidas são raras na Península Ibérica e as conhecidas como tal remontam ao século XIII.

Até ao momento, estão identificadas como tais em Algeiras, que foi escolhida pelos *Banu Marín* para sede do seu domínio territorial no *al-Andalus*, no âmbito da *Jhiad* levada a efeito a partir de 1275 pelo soberano merinida Abu Yusuf Ya'kub.

Essa intervenção no *al-Andalus* termina pouco depois de 1286, no reinado de Abu Ya'kub Yusuf (filho do primeiro), quando este teve que fazer frente aos ataques dos soberanos Zaiânidas.

Trata-se de um conjunto cerâmico proveniente de níveis estratigráficos seguros, dado a conhecer por TORREMOCHA SILVA *et al.* ¹⁴, datado de finais do século XIII a inícios do século XIV.

Algumas das formas de Algeiras são semelhantes a peças cerâmicas exumadas no *Dar al-Imiara* Alcacerense, mas aparentemente ausentes em sítios coevos almoadas de Portugal. Será que se trata de produções merinidas, de finais do século XIII, e não almoadas, como temos considerado até ao momento?

Face ao exposto, é difícil traçar o percurso que a peça merinida exumada em Palmela teve que efectuar para chegar até aqui, porque a sua aquisição é sempre variada. Pode ser produto de pirataria ou de comércio. Poderá ter sido adquirida por cristão ou mouro, português ou estrangeiro.

Até ao momento, trata-se de um exemplar único em território português.

B) Taças de carena acusada e bordo com lábio “aplanado inciso”

A intervenção no “Mercado Velho” de Palmela permitiu exumar em contexto estratigráfico seguro um pequeno conjunto de taças de carena acusada, cobertas com melado de cor amarelo, que possuem a particularidade de ter um tipo de bordo que denominamos de “bordo com lábio aplanado inciso”.

Trata-se de produções que se situam na linha evolutiva das tipologias almoadas do *Garb al-Andalus*.

Possuem um tipo de pasta e melado idêntico às produções almoadas exumadas no castelo de Alcácer do Sal que temos vindo a dar a conhecer ultimamente ¹⁵.

Apesar de possuírem notáveis semelhanças com certas peças almoadas exumadas no castelo de Alcá-

cer, trata-se, pela posição estratigráfica da lixeira do “Mercado Velho” de Palmela, de produções específicas do século XIV e não almoadas.

Se a sua inserção cronológica não oferece problemas, difícil torna-se definir qual a sua origem geográfica e cultural.

Uma das chaves para resolver a questão pode encontrar-se em Alcácer do Sal.

A grande maioria das produções exógenas de cronologia almoada de Alcácer é proveniente das oficinas de Sevilha e de Ceuta, detectando-se raras importações da região de Múrcia e Ilhas Baleares. No panorama actual da investigação, é difícil sabermos se estamos perante produções com origem nas olarias mudéjares de Sevilha, ou se, pelo contrário, foram produzidas nas olarias merinidas de Ceuta ou de Fés.

Mesmo na vila de Palmela, é a primeira vez que esta forma é identificada.

Só conhecemos dois locais em Portugal onde apareceram cerâmicas deste tipo: Alcácer e Loulé. Datamos do século XIV os exemplares provenientes da alcáçova do castelo de Alcácer do Sal, apesar da ausência de níveis estratigráficos seguros. Em Loulé, o fragmento de taça semelhante dado a conhecer é datado do período almóada ¹⁶, classificação que não aceitamos, tendo em conta os dados de Palmela e Alcácer.

C) As cerâmicas nazaris

À semelhança de outros locais intervencionados na Vila de Palmela, também aqui no âmbito da escavação arqueológica do Mercado, exumámos em pequena quantidade cerâmicas provenientes de centros oleiros do Reino de Granada.

As formas identificadas correspondem a peças de serviço de mesa: taças e jarras.

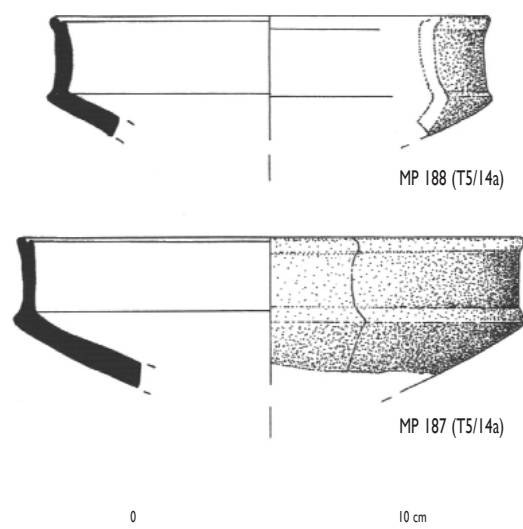


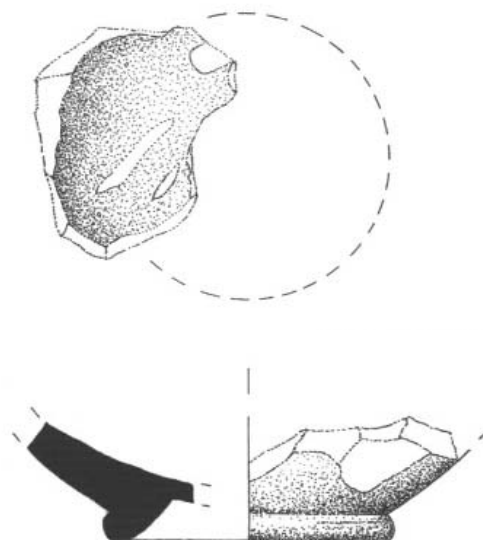
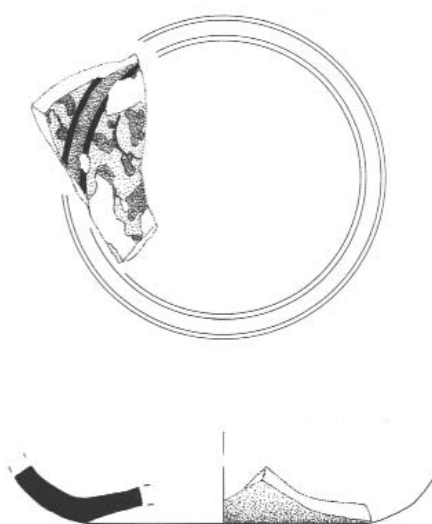
Figura 12 ➡

“Mercado Velho” de Palmela: taças de carena acusada e bordo com lábio “aplanado inciso”.

¹⁴ TORREMOCHA SILVA, A.; NAVARRO LUEGO, I. e SALADO ESCAÑO, J. (2000) – *La Cerámica de Época Mariní en Algeiras*. Actas do Encontro Sobre Cerâmica Nazarí e Mariní, pp. 329-376.

¹⁵ Entre outros trabalhos, podemos referir: PAIXÃO, FARIA e CARVALHO (2001) – *Aspectos da Presença Almoada em Alcácer do Sal (Portugal) e Cerâmicas Almoadas de al-Qasr al-Fath*.

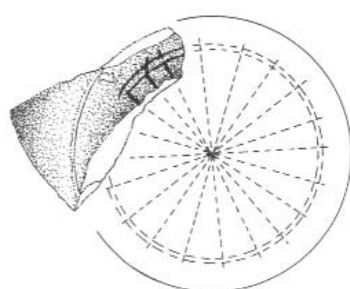
¹⁶ LUZIA, Isabel (2001) – “O n.º 3 da Rua das Bicas Velhas: um exemplo de testemunhos da época moderna em Loulé”. *Al-Úlyá*. Loulé. 8: 84, fig. do desenho 2.



← Figuras 13 e 14 ↓

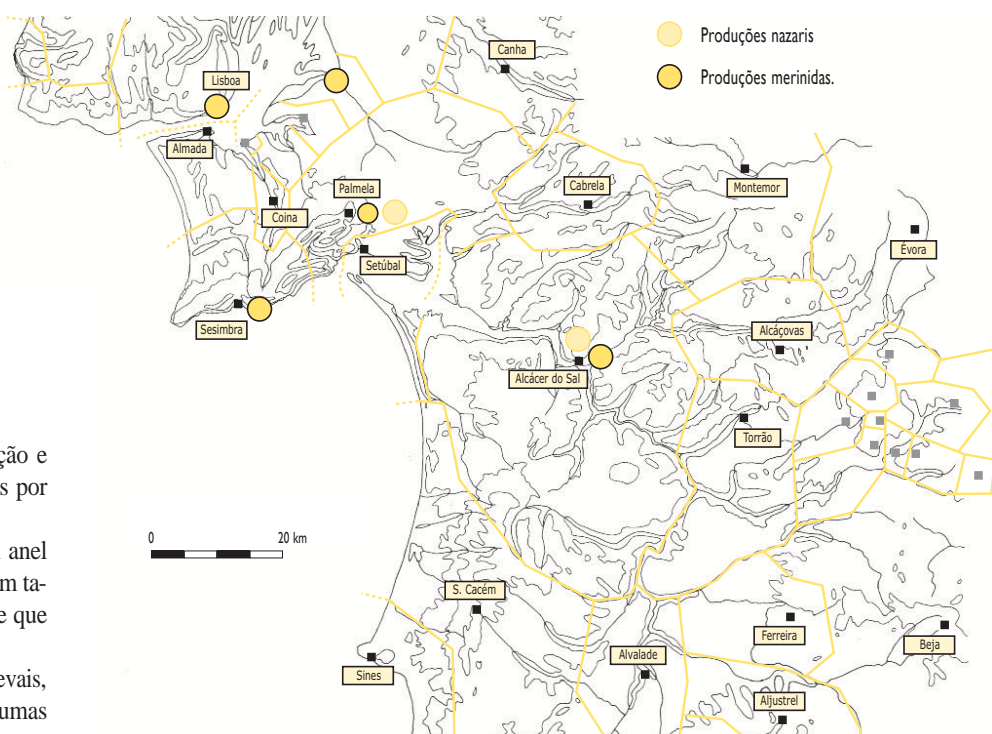
"Mercado Velho" de Palmela: cerâmicas nazaris e, em baixo, mapa de distribuição das produções nazaris e merinidas.

MP 87 (S2-3/31)



MP 156 (U6/14a)

0 10 cm



Apresentam quase sempre alguma decoração e possuem as superfícies, ou uma delas, cobertas por esmalte ou vidro.

O fragmento de fundo de taça com pé em anel [MP 87 (S2-3/31)], apresenta bons paralelos com taças idênticas exumadas na cidade de Granada e que foram datadas do século XIV.

A identificação destas produções tardo-medievais, merinidas ou nazaris em Palmela, levanta algumas questões interessantes.

Por um lado, quem são os consumidores e utilizadores deste tipo de cerâmica?

Poderíamos pensar que se trata de importações vocacionadas unicamente para a comunidade mudéjar palmelense.

A presença deste tipo de cerâmicas no interior dos castelos de Palmela, Sesimbra (só nazaris) e de Alcácer, no Paço da Ordem de Santiago (nazaris e merinidas?), permite afirmar que a sua raridade nos conjuntos arqueológicos exumados, poderá traduzir mais a sua dificuldade em termos de aquisição, do que ser reflexo de uma restrição de ordem social.

Sobre esta questão, é importante ler a tese de doutoramento de Filipe Themudo Barata "Navegação, Comércio e Relações Políticas: os Portugueses no Mediterrâneo Ocidental (1385-1466)" ¹⁷. Neste trabalho, o autor demonstra, com recurso a abundante documentação, que os portugueses tinham uma

actividade muito variada no Mediterrâneo ocidental, na sua postura com o Magreb. Actuavam como comerciantes, outras vezes como piratas. Serviam de intermediários dos genoveses ou catalães, nas rotas comerciais com o Norte de África. Outras vezes, a título particular, pedem autorização régia para comprar e vender produtos proibidos nos portos muçulmanos, como é o caso de um judeu de Setúbal que, em 1400, pede autorização régia para vender mel no reino de Granada.

Convém referir que as produções cerâmicas nazaris tiveram uma grande aceitação na época. A título de exemplo, poderemos referir que essas peças foram usadas na corte dos Anti-Papas instalada na cidade francesa de Avignon ¹⁸ e também na cidade egípcia de Alexandria ¹⁹, no período Mameluco.

¹⁷ Publicado na série "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas", em 1998.

¹⁸ VÁRIOS AUTORES (1995) – De l'Orient à la Table du Pape: l'importation des céramiques dans la région d'Avignon aux XIVe-XVle siècles.

¹⁹ FRANÇOIS, Véronique (1999) – Céramiques Médiévales à Alexandrie. Institut Français d'Archéologie Orientale, pp. 82- 98.

D) Cerâmicas (locais?) de influência nazari.

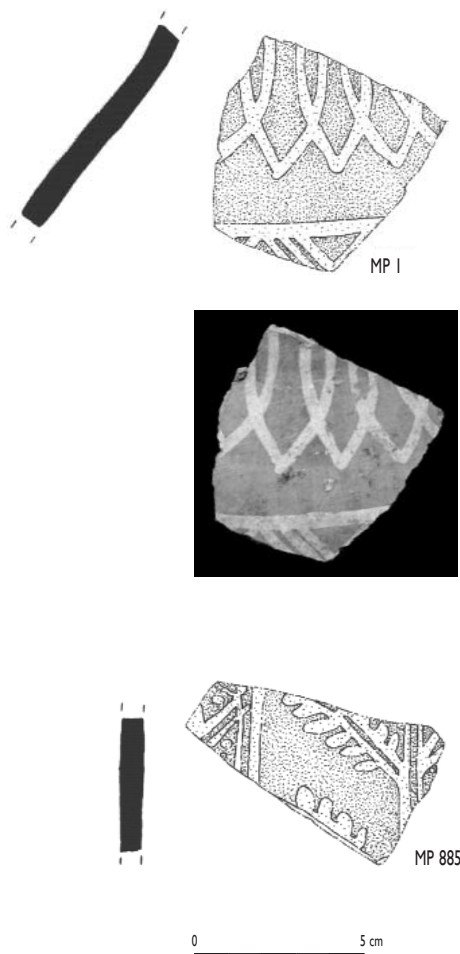


Figura 15 ↑

“Mercado Velho” de Palmela: cerâmicas locais (?) de influência nazari.

Também detectámos um pequeno conjunto de cerâmica comum, com decoração a branco, de tipo geométrico e outro pseudo-floral.

Trata-se de um tipo de tratamento decorativo que foi aplicado a várias formas de cerâmica comum, provenientes de oficina ou oficinas desconhecidas, mas que supomos que sejam na sua maioria de origem local, por causa do tipo de pasta utilizada e tratamento final da peça.

Apesar de terem pouca expressão em Palmela, apareceram alguns raros exemplares em Alcácer do Sal (um fragmento), Sesimbra (um fragmento) e em Sintra (um fragmento). Mais recentemente foi dada a conhecer cerâmica com este tipo de decoração exumada em Santarém (dois fragmentos) ²⁰.

Aceitamos a hipótese de que os oleiros da região envolvente de Palmela, ou até de Palmela, se inspiraram em produções análogas de origem exógena.

De facto, detectámos algumas produções nazaris e, raramente, merinidas, em cerâmica comum, que apresentam temática decorativa similar. Serão as produções exumadas em Palmela falsificações dessa classe de peças? Trata-se de uma questão ainda em aberto.

Denominamos esta gramática decorativa como “decoração tipo Palmela”.

4.2.2. Cerâmicas muçulmanas de proveniência Oriental (Egipto e Síria / Palestina?)

As peças MP 59 e MP 155 inserem-se numa classe de cerâmicas que classificamos como orientais.

De facto, os paralelos que conseguimos encontrar levam-nos a pensar que estamos em presença de cerâmicas que foram produzidas em centros cerâmicos muçulmanos da vasta área que vai desde o Egipto até à Síria/Palestina.

Também poderemos estar em presença de imitações egípcias de cerâmicas da área Síria/Palestina, com influência iraniana, hipótese posta por Véronique François, no estudo que fez dos conjuntos medievais exumados em Alexandria.

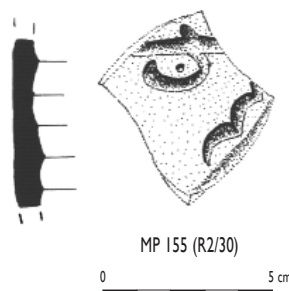
De facto, uma das peças que apresenta em fotografia no referido estudo, tem um conjunto de atributos que também estão visíveis na peça MP 155 do Mercado e, que segundo a autora, é uma peça persa seljúcida ²¹.

A presença de produções muçulmanas de proveniência oriental é um facto que temos que ter em conta no estudo das produções exógenas exumadas em Palmela.

Em síntese, a análise das cerâmicas exógenas exumadas no “Mercado Velho” permitiu detectar pela primeira vez em Portugal a presença de produções de reinos muçulmanos do Magreb e do Oriente. Tal facto permite levantar novos campos de investigação e traçar novas leituras para a realidade tardo-medieval em Palmela.

Outra linha de acção tem a ver com a pesquisa que estamos a efectuar sobre a questão do comércio e guerra com o Norte de África, em conjunto com a análise das questões económicas levantadas por muçulmanos, quando efectuavam trocas comerciais com os reinos cristãos.

Estas questões e respectivas respostas estão expostas na obra indispensável do *Mi'yar* de *al-Wansarisi* ²², que faz uma compilação de sentenças sábias de *ulemas* do *al-Andalus* e do Magreb, desde o século X até ao início do século XVI.



← Figura 16 ↓

“Mercado Velho” de Palmela: cerâmicas muçulmanas de proveniência Oriental. Em baixo, taça em pé de anel, com decoração interna de tipo Oriental.

²⁰ Catálogo da exposição “Santarém e o Magreb”, 2004, p. 104 / peça 14 e p. 105 / peça 15. Segundo Carla Ferraz, trata-se de peças dos séculos XII-XIII.

Os nossos paralelos apontam antes para produções dos séculos XIV e XV.

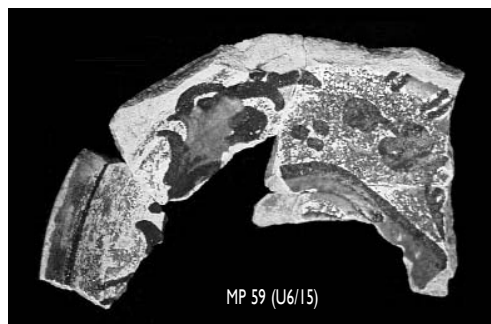
²¹ FRANÇOIS, Ob. cit., Pl. 16, peça com a foto n.º 20. O exemplar apresentado tem a parede lateral

moldada e coberta por esmalte de cor branca.

A peça do Mercado MP 155 também apresenta a superfície externa moldada, mostrando motivo floral idêntico à peça de Alexandria, mas encontra-se coberta por esmalte de cor verde. Será que estamos em presença de uma peça seljúcida de influência persa, de finais do século XIII,

ou será antes uma imitação do século XIII-XIV efectuada no Egipto? Estamos mais inclinados para a segunda hipótese.

²² Publicada e ordenada por LAGARDÈRE, Vincent (1995) – *Histoire et Société en Occident Musulman au Moyen Âge: analyse du Mi'yar d'Al-Wansarisi*. Ed. C.C.C. n.º 53.



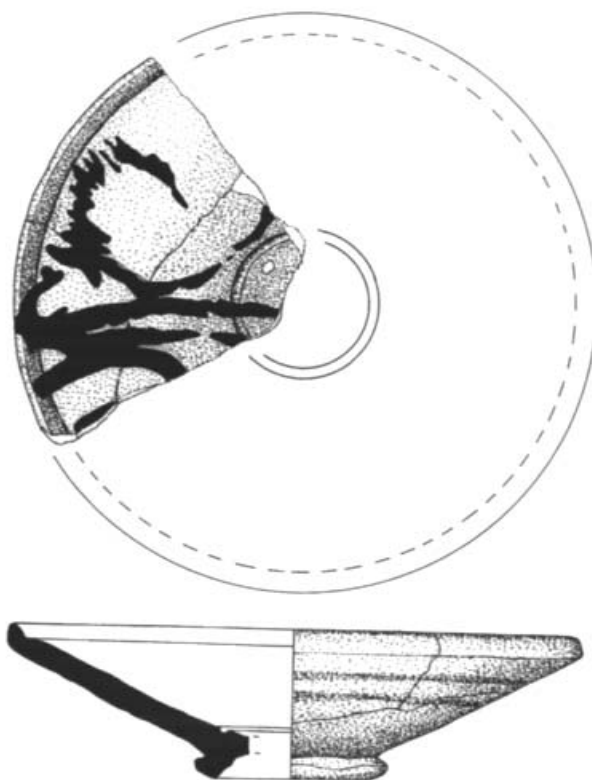
MP 59 (U6/15)

4.2.3. Produções de Sevilha

Identificámos um leque significativo de cerâmicas atribuíveis às oficinas de Sevilha.

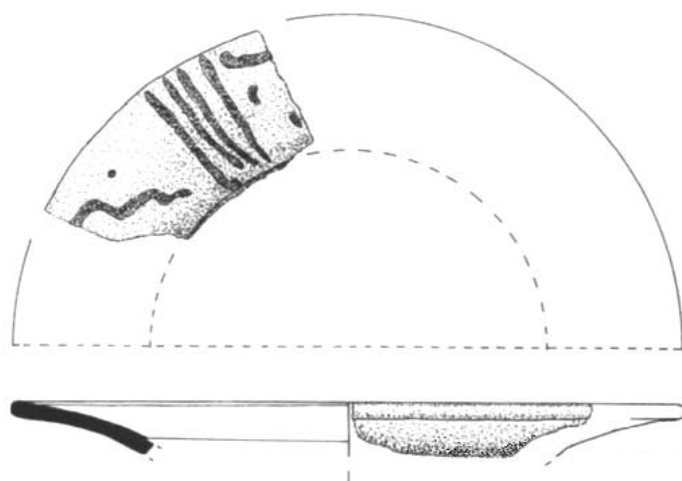
Trata-se de um conjunto de peças vidradas e esmaltadas que, segundo os dados do “Mercado Velho”, começaram a chegar a Palmela em meados do século XIV.

As primeiras formas a chegar correspondem a tipologias abertas, do tipo prato em disco.



← Figura 17 ↑

“Mercado Velho” de Palmela: produções sevilhanas do século XV e inícios do XVI.

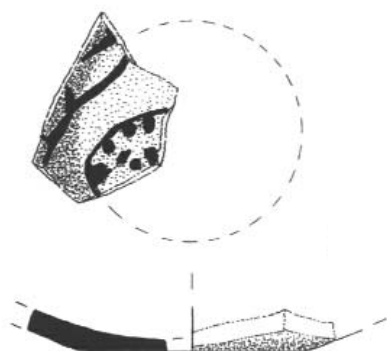


MP 30

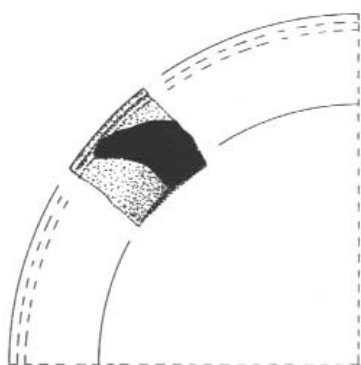
← Figura 18 ↓

“Mercado Velho” de Palmela: fragmentos da denominada “loza arcaica sevilhana”, do século XIV.

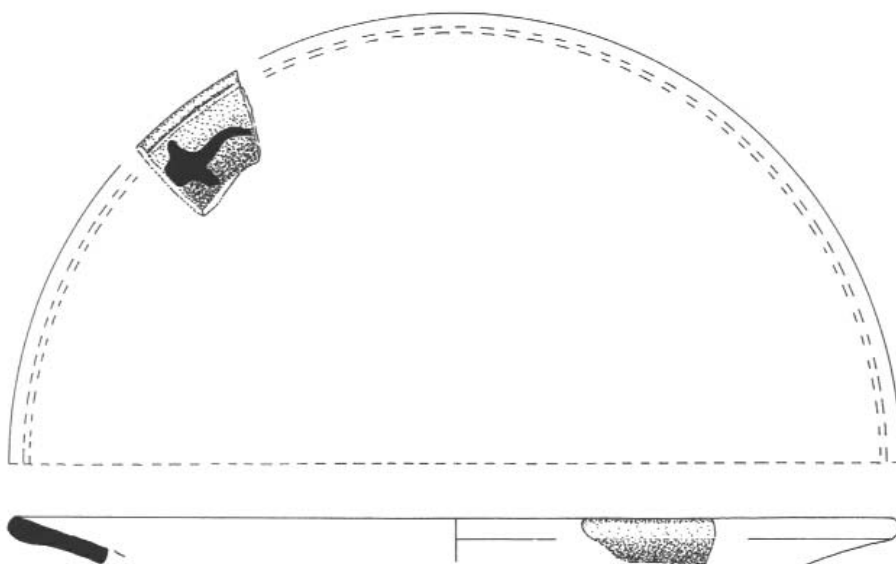
0 10 cm



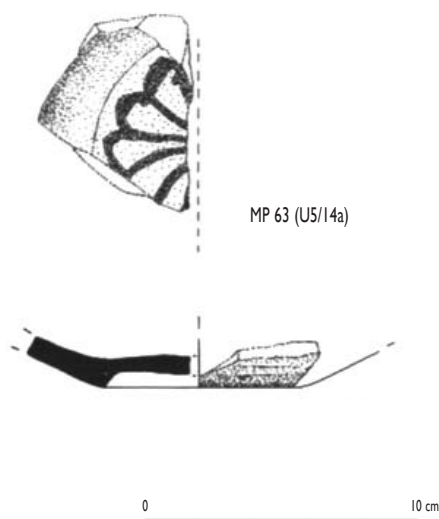
MP 63 (U5/I4a)



MP 185 (S3/30)



MP 186 (S3/30)

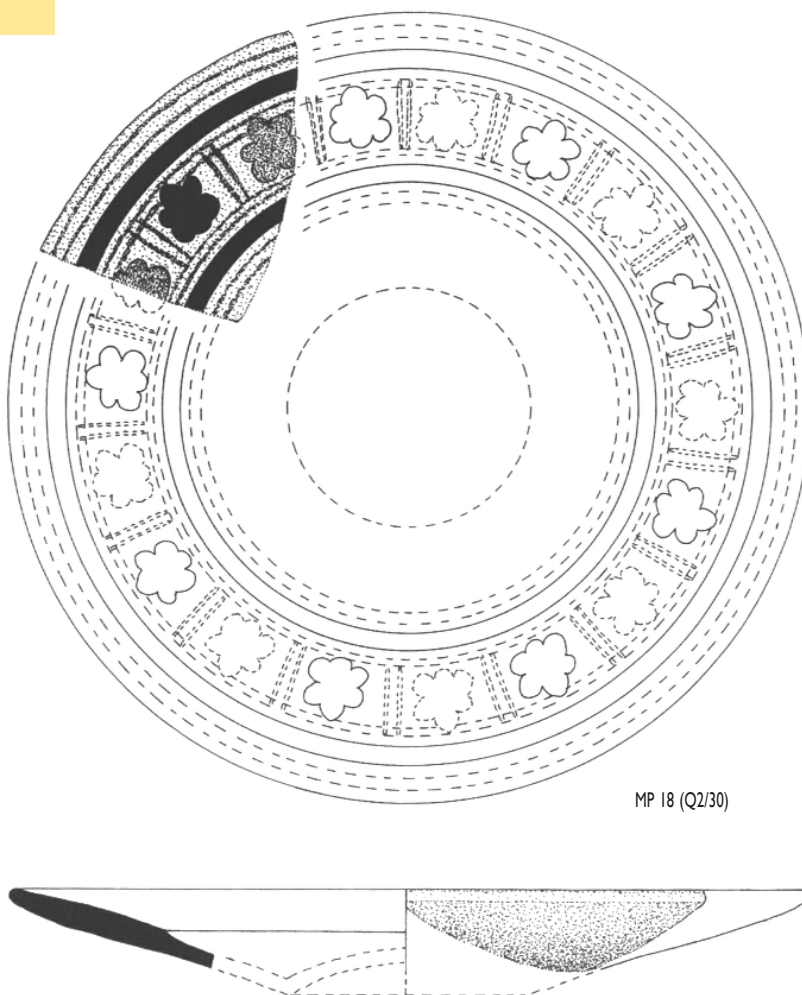


MP 63 (U5/14a)

Figura 19 →

“Mercado Velho” de Palmela: produções sevilhanas do século XV e inícios do XVI.

À direita, reconstituição de prato em disco. Trata-se de um tipo de louça que foi exportada para o Norte da Europa, especialmente para Inglaterra e Países Baixos.



MP 18 (Q2/30)

Segundo PLEGUEZUELO e LAFUENTE ²³, estas formas, denominadas de “loza arcaica”, foram produzidas nos fornos de Sevilha unicamente no século XIV.

Os referidos autores afirmam que se trata de produções para consumo local e que as peças consideradas de “luxo” seriam as oriundas do reino Nazari e de Aragão.

A presença deste grupo de cerâmicas em Palmela, em Alcácer ²⁴ e no Castelo de Alcoutim ²⁵ (Portugal) e em Alexandria ²⁶ (Egipto), permite supor que existia uma vertente de exportação das produções sevilhanas do século XIV que os nossos colegas de Sevilha desconheciam.

Essa vertente exportadora é reconhecida para o século XV e seguintes, graças aos trabalhos efectuados em cidades e colónias espanholas da América.

Essas produções também foram identificadas no “Mercado Velho” de Palmela e são frequentes em território português. Podemos citar os casos de Sezimbra, Alcácer do Sal e Silves, entre outros.

Estas mesmas produções tardias também foram encontradas em níveis arqueológicos do século XV-XVI de Alexandria (Egipto) ²⁷.

As importações de Sevilha que, como vimos, têm início no século XIV, apesar de aparecerem em vários pontos da área urbana de Palmela e no castelo, foram sempre produtos que chegaram em pequena quantidade, podendo deste modo deduzir-se que

eram cerâmicas apreciadas e de “luxo”, só acessíveis a determinadas camadas populacionais.

Em termos de aquisição, poderemos sugerir um término para meados do século XVI, coincidindo provavelmente com o aumento da produção portuguesa de cerâmicas desta natureza em Lisboa.

4.2.4. Produções valencianas

As produções valencianas de Manises e Paterna tiveram uma enorme aceitação nos finais da Idade Média.

Consideradas cerâmicas de luxo, foram exportadas em quantidades industriais para o Norte da Europa, Portugal, reino de Castela, e aparecem em Alexandria, no Reino Mameluco do Egipto, em concorrência directa com outras produções de “luxo” de influência chinesa e persa.

No “Mercado Velho” de Palmela, pudemos exumar alguns exemplares, que possuem programas decorativos que poderemos considerar como comuns.

São peças que se encontram em Inglaterra, França e até mesmo Alexandria, como é o caso do motivo presente no interior da nossa peça [MP 46 (R-S2/14 a)].

Uma das peças mais interessantes exumadas no Mercado é a referente à MP 5 (O3/30). Corresponde a uma taça esmaltada, com carena, datada do século XV. Apresenta no seu interior um motivo heráldico,

²³ PLEGUEZUELO, Alfonso e LAFUENTE, M. Pilar (1995) – “Cerâmicas de Andalucía Occidental (1200-1600)”. In *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles*. pp. 217-244.

²⁴ Até ao momento resume-se a dois fragmentos. São provenientes da escavação dos antigos Paços da Ordem de Santiago, no Castelo de Alcácer do Sal (inéditos em estudo).

²⁵ CATARINO, Helena (2003) – “Cerâmicas da Baixa Idade Média e de Inícios do Período Moderno Registadas no Castelo da Vila de Alcoutim”. In *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela*, pp. 161-177.

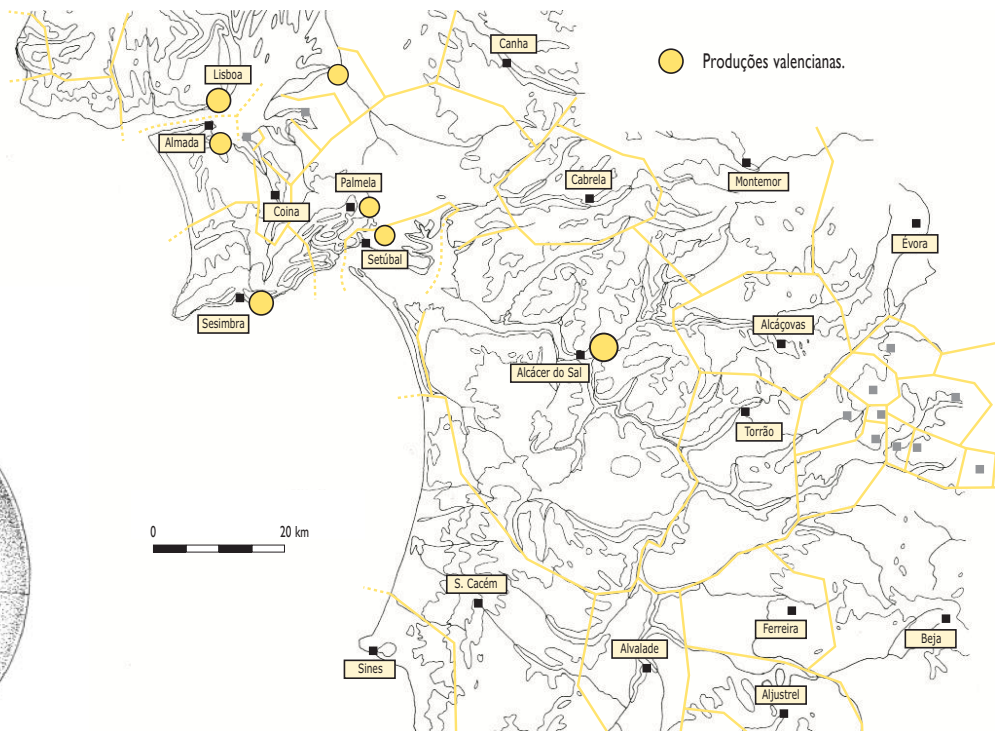
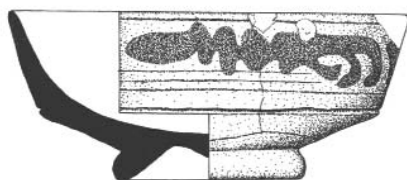
²⁶ FRANÇOIS, ob. cit., pp. 82- 98.

²⁷ FRANÇOIS, ob. cit.

que representa as armas do reino de Aragão. Na parede exterior, o programa decorativo confunde-se com as temáticas utilizadas pelas produções sevilhanas da altura.



MP 5 (O3/30)



MP 64 (U5/14a)

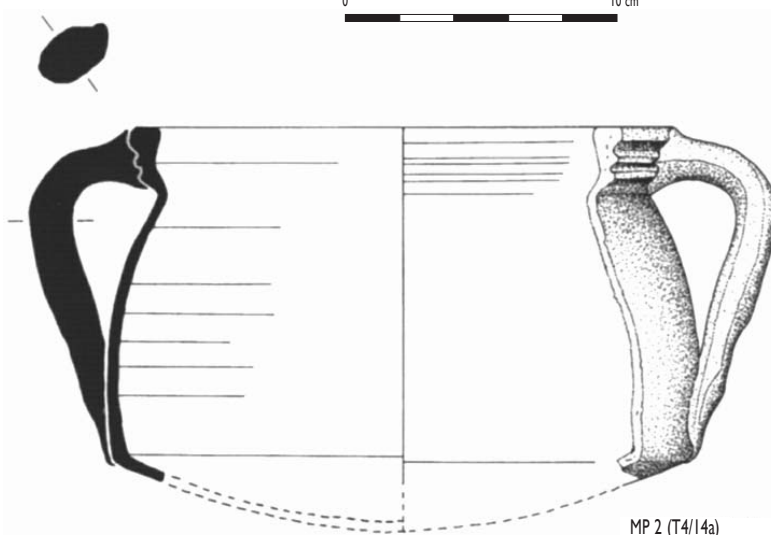


MP 46 (R-S2/14a)

4.3. Produções cerâmicas de proveniência local e regional

Não nos iremos alongar muito na análise preliminar que efectuámos em relação à cerâmica regional e local de Palmela proveniente da lixeira, porque o conjunto exumado é idêntico ao que é normal encontrar nos níveis dos finais da Idade Média e início do período moderno, e que temos vindo a estudar e publicar nos últimos anos.

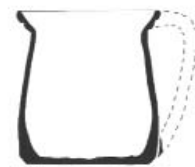
Os únicos elementos que diferem do que é normal na área urbana de Palmela, dizem respeito mais à quantidade de cerâmica exumada e à identificação de algumas variantes que até então ainda não tinham sido detectadas nos outros locais intervencionados.



MP 2 (T4/14a)

↑ Figura 20

"Mercado Velho" de Palmela: cerâmicas valencianas e mapa de distribuição de achados do mesmo tipo na região.



MP 6 (Q2/30)

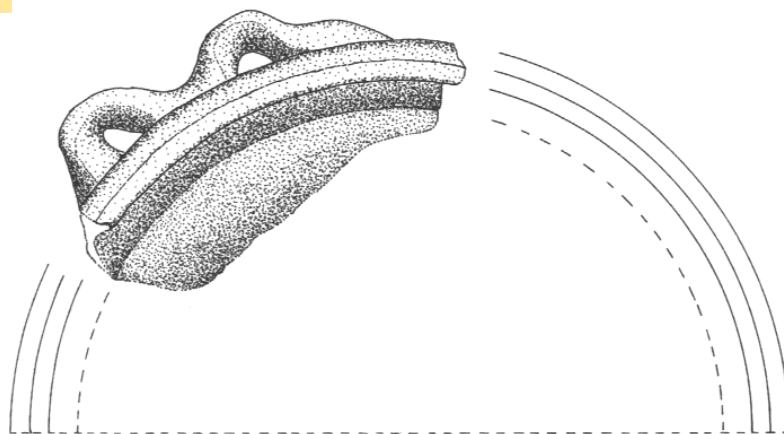
← Figura 21 ↑

"Mercado Velho" de Palmela: cerâmicas de produção local e regional.

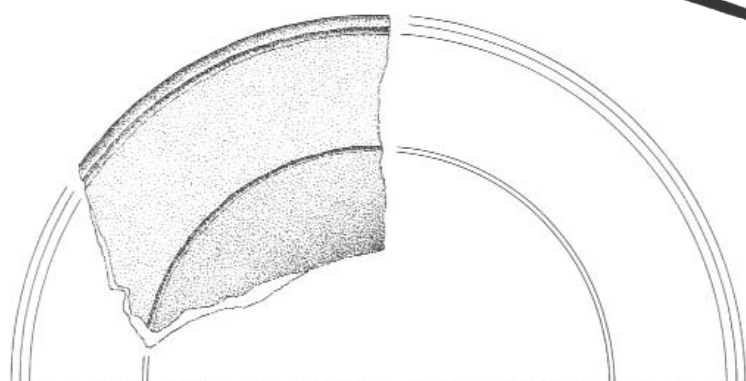
Figuras 22 e 23 →

“Mercado Velho” de Palmela: cerâmicas de produção local e regional que denominámos “tipo Palmela” (duas variantes de prato, em baixo, e uma de caçarola, à direita).

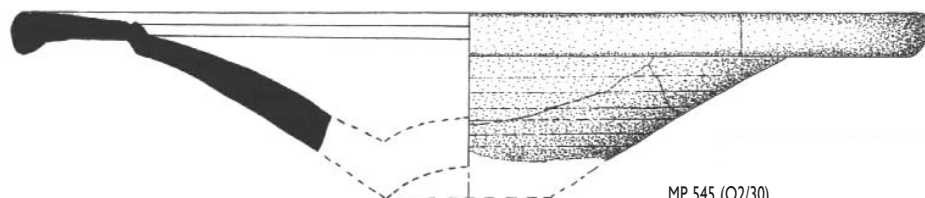
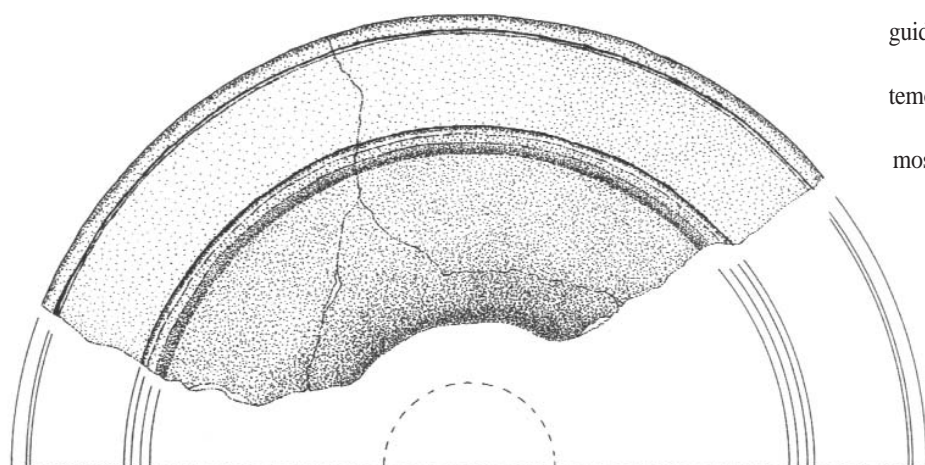
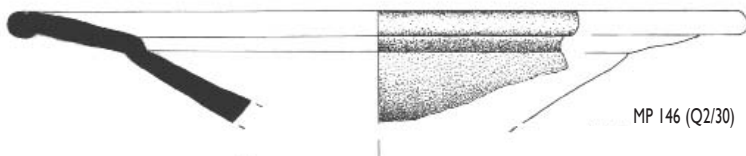
0 10 cm



MP 134 (T5/I4a)



MP 146 (Q2/30)



MP 545 (Q2/30)

Em suma, o espólio recolhido foi enquadrado em grupos funcionais de uso:

- No grupo das cerâmicas de mesa e apresentação de alimentos, identificámos taças, escudelas, pratos, copos, púcaros, jarras, jarrinhas, tigelas e algumas formas indeterminadas.
- Nas cerâmicas de cozinha, inserimos as panelas, as caçarolas, as marmitas e as frigideiras.
- Nas cerâmicas de armazenamento, transporte e conservação, temos a considerar as bilhas, as jarras, as talhas e algumas formas indeterminadas (cantil?).
- Nas cerâmicas de uso variado, incluímos os alguidares, as bacias e as tampas.
- Para o grupo de cerâmicas de iluminação, só temos a considerar as candeias.
- Nas cerâmicas de uso artesanal, só identificámos um peso de tear.
- Nas de uso arquitectónico, só temos telhas e tijoleiras.

Foi ainda identificado um outro grupo funcional, que denominámos de uso lúdico. Nele incluímos as malhas de jogo, um cachimbo e os brinquedos em cerâmica.

4.4. Os brinquedos tardo-medievais exumados no Mercado

Na investigação que efectuámos sobre esta temática, temos verificado que os raros estudos existentes abordam a problemática unicamente para os contextos muçulmanos.

Podemos referir o trabalho recente de Rosa Varela Gomes, no estudo que faz dos brinquedos islâmicos encontrados em Silves e seu enquadramento no *al-Andalus*. A autora apresenta um conjunto de miniaturas de peças em cerâmica encontradas em Silves, Mértola e Loulé, em contextos almoadas, que considera como brinquedos – “... *dadas as suas reduzidas dimensões e a inexistência de vestígios de utilização ao fogo, devem ser interpretados como brinquedos*”²⁸.

Também nos níveis almoadas de Alcácer do Sal foi exumado, no seu *Dar al-Imiara*, uma miniatura de um jarro em cerâmica que teve a função de brinquedo²⁹. Trata-se de uma peça idêntica a uma outra exumada em Silves³⁰.

No Mercado, exumámos alguns fragmentos de miniaturas em cerâmica, imitando formas de uso doméstico, que interpretamos como brinquedos.

Até ao momento, só detectámos duas peças diferentes, uma sem uso e a outra mostrando utilização no fogo. Este último facto poderá prender-se com a imitação que as crianças faziam das lides domésticas dos adultos. Este facto está demonstrado para os níveis muçulmanos do século XIII de Múrcia.

Os brinquedos do Mercado de Palmela imitam a forma tipológica que denominamos de “caçarola tipo Palmela”³¹ e se enquadra cronologicamente nos séculos XIV-XV.

Em território português, para os séculos XIV-XV, só encontramos um paralelo no Paço da Ordem de Santiago do Castelo de Alcácer do Sal. Trata-se de uma miniatura de um copo de duas asas, com pé em bolacha, típico das produções lisboetas de meados dos séculos XIV-XV³².

A outra miniatura identificada é semelhante à exumada no Mercado de Palmela e já referida. É provável que seja uma produção de Palmela vendida para Alcácer!

No âmbito da Península Ibérica, o único paralelo que identificámos é mais de âmbito cronológico. Trata-se de um conjunto de 31 peças em miniatura que foram exumadas em Almeria³³ e atribuídas a um período compreendido entre os séculos XIII e o XVI, sendo a maior parte inserida nos séculos XIV-XV³⁴.

A restante documentação arqueológica exumada corresponde a objectos metálicos e a moedas. Infelizmente o conjunto encontrava-se bastante deteriorado. Esse espólio provém todo das unidades estratigráficas da lixeira. Foi possível identificar um conjunto de alfinetes e uma agulha. Em relação às moedas, elas correspondem quase todas a ceitis. A leitura preliminar efectuada a alguns exemplares permitiu identificar o rei D. Duarte e o rei D. Afonso V.

6. Conclusões

Para a elaboração deste nosso contributo sobre as cerâmicas exumadas no “Mercado Velho” de Palmela, necessitámos de efectuar uma análise preliminar de toda a documentação exumada.

A especial atenção dada à análise sumária que efectuámos das cerâmicas exógenas tem a ver, por um lado, com a sua raridade no conjunto analisado e, por outro, com a qualidade da informação obtida, que permite orientar o nosso trabalho de investigação para além do âmbito das trocas comerciais.

De facto, ao documentarmos pela primeira vez em território português um fragmento de cerâmica específica das produções merinidas do reino de Fez (Marrocos), para o século XIV, e tendo em conta a ausência desta forma nos níveis portugueses de Ceuta ou *Qasr-es-Seghir* (Alcácer Ceguer), detectámos um facto que levanta uma série de questões de difícil resposta.

Por outro lado, a escavação do “Mercado Velho” de Palmela, permitiu pela primeira vez exumar a seguinte documentação:

- Indício de presença romana alto-imperial na área Urbana de Palmela (uma moeda).

- Confirmação de presença visigótica em Palmela (elemento de cinturão, com datação desde o século VI até ao século VIII, fazendo o ponto de união entre a presença tardo-romana e a presença islâmica em Palmela).

- Confirmação do arrabalde islâmico de Palmela.

- Documentou-se pela primeira vez em Portugal a presença de cerâmicas do século XIV merinidas (Marrocos).

- Pensamos que os dois exemplares cerâmicos tardo-medievais, de proveniência Oriental islâmica, exumados no Mercado sejam únicos em Portugal.

- Confirmou-se a presença precoce de cerâmicas de Sevilha e Valência, que começaram a chegar a Palmela no século XIV.

²⁸ GOMES, Rosa Varela (2003) – “Brinquedos Muçulmanos de Cerâmica do Sul de Portugal”. In *Actas das 3 Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela, pp. 93-103.

²⁹ CARVALHO, António Rafael (2005) – “Fragmentos de Miniaturas em Cerâmica, Provenientes do Palácio Almóada de Alcácer”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 13: 148.

³⁰ GOMES, ob. cit., pp. 94 (peça G da fig. 1), 96 e 98.

³¹ Corresponde a uma das formas mais abundantes de Palmela, mas que curiosamente têm pouca expressão a nível regional (ver o desenho da peça MP 134, que corresponde a uma variante desta forma). Tanto em Alcácer do Sal, como em Sesimbra, a sua presença é pouco expressiva, sendo aparentemente desconhecida na vizinha cidade de Setúbal, facto que achamos estranho, mas que admitimos seja mais reflexo da pouca documentação arqueológica dos séculos XIV-XV exumada até ao momento.

³² Inédita, em estudo pelo autor, no âmbito da programação do núcleo museológico do Castelo de Alcácer do Sal.

³³ Importante cidade portuária do reino Nazari.

³⁴ GOMES, ob. cit., pp. 96-97.

– Detectou-se uma produção sevilhana de melado e verde típica do século XIV, tornando-se Palmela neste momento o único local em Portugal onde aparece esta série cerâmica.

– Exumaram-se no Mercado duas miniaturas da forma cerâmica “caçarola tipo Palmela”, que correspondem a brinquedos para meninas. É a primeira vez que são detectados brinquedos para crianças em Palmela, estando estes datados do século XIV-XV. O único paralelo que conhecemos, são duas peças idênticas e a miniatura de um copo de duas asas exumado no Paço da Ordem de Santiago do Castelo de Alcácer do Sal. Em Portugal, os únicos exemplares publicados estão datados do final do período islâmico e referem-se a miniaturas exumadas em Silves, Loulé e Mértola.

– Identificou-se um resto humano na lixeira tar-do-medieval, mostrando deste modo a importância que tem o estudo da fauna exumada.

– Elaborámos uma listagem das espécies consumidas em Palmela e detectaram-se dois animais utilizados para obtenção de peles: lince e gato bravo.

– Detectou-se a existência de actividades artesanais, aparentemente ausentes nas fontes documentais conhecidas (caso da tecelagem, curtição de peles e couros e metalurgia de ferro).

– Confirmou-se a forte presença da comunidade muçulmana de Palmela e prováveis ligações com os reinos muçulmanos do Norte de África e Oriente.

Os dados preliminares expostos no presente texto demonstram o carácter excepcional da quantidade e qualidade da documentação arqueológica exumada.

Neste momento, estamos na fase de desenho exaustivo da documentação, de forma a podermos publicar regularmente alguns conjuntos.

A finalizar, realçamos a importância científica desta intervenção para o conhecimento da história e evolução da área urbana da Vila fora de muralhas e para a renovação das linhas de orientação da investigação que tínhamos em curso.



PUBLICIDADE



al-madanOnline

<http://almadan.cidadevirtual.pt>

**À distância de alguns
toques, toda a informação
que preparámos para si**

- Índices completos
- Resumos dos principais artigos
- Onde comprar
- Como encomendar
- Como assinar
- Como colaborar

e secções dinâmicas de actualização frequente

Agenda | Noticiário nacional e internacional | Fórum |